PONDERAÇÕES REFLEXIVAS SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA FENOMENOLOGIA À GEOGRAFIA CULTURAL

Reflective assumptions about the phenomenological contribution to cultural geography

Marcos Antonio CORREIA1

RESUMO

Este artigo aborda algumas questões epistemológicas da geografia cultural através da concepção fenomenológica, enfocando a percepção do espaço vivido. Iniciando com situação e pequena reflexão fenomenológica, destacando a intencionalidade na percepção, buscando reconhecer possibilidade metodológica na ciência geográfica centrada na percepção do mundo vivido. Estabelecendo algumas incursões fenomenológicas na geografia a qual através da experiência humana, individual e cultural, pode-se dar sentido ao espaço percebido. Seguindo padrão seqüencial iniciando pela sensação, percepção, estética do lugar. E na seqüência far-se-á decodificação, descrição e comunicação do espaço local à ser abordado.

Palavras-chave:

Geografia cultural; fenomenologia; espaço vivido; lugar.

ABSTRACT

This article approaches some epistemological issues of the cultural geography through the phenomenological conception, focusing the perception of living space. The approach starts with an identification and a short a brief phenomenological reflection, highlighting the intentionality in the perception, searching for recognition of methodological possibility in the geografichal science centered in the perception of the living world. By establishing some phenomenological incursions in the geography which through the individual and cultural human experience may be sensitive to the perceived space. It follows a sequential pattern, starting by the sensation, perception, aesthetics of the place. And after that, a decodification, desciption and local space will be taken into consideration.

Key-words:

Cultural geography; phenomenology; living space; place.

¹ Mestrando em Geografia (MINTER – União da Vitória), especialista em Geografia (UFPR).

INTRODUÇÃO

A geografia fenomenológica nos termos da ciência clássica está por ser elaborada, mas enquanto o saber geográfico tem várias facetas a considerar, principalmente no atual embate epistemológico no âmbito das ciências humanas, que na geografia passa pelo campo cultural de caráter fenomenológico, tendo na percepção do espaço vivido o seu principal campo a ser pesquisado. Segundo Johnston (1986, p. 211), a fenomenologia ultrapassa o idealismo na sua atenção provinda dos geógrafos humanos, assim como diz que os fenomenologistas acreditam não haver um mundo palpável sem a presença do homem.

Gomes (1996, p.117) diz, que a fenomenologia na instância filosófica é tema para grandes debates e aponta para a fenomenologia de Husserl, que segue a intuição pura evidenciando a essência das coisas, fornecendo reduções fenomenológicas que oferece oposição ao conhecimento no seu projeto lógico para o plano natural, perseguindo a descrição dos acontecimentos fenomenais em detrimento à suposta explicação racional. Isto ocorre devido a intencionalidade que recai no mundo vivido, compreendendo em relação às manifestações experenciadas fenomenologicamente de forma inter e subjetivamente, denominadas por Husserl de o Lebenswelt (a vida no mundo)²

No que tange a Merleau-Ponty (1999, p. 1), o estatuto fenomenológico evidencia as essências, repondo as mesmas na existência a qual o palpável sempre existiu "ali", prévio ao pensamento no qual a abstração intelectual espaço-temporal, do mundo, "vividos" materializa-se em exercício descritivo da experiência tal como ela ocorre, pois o real deve ser registrado e não construído ou constituído.

O que se observa é que a própria manifestação filosófica da concepção fenomenológica se aproxima da natureza epistemológica da ciência geográfica, principalmente quando o ponto de partida é a visão humanísticacultural. Nota-se que, esta pode sanar ou atenuar uma das grandes dificuldades da geografia no que concerne ao objeto de estudo e seu ponto de partida em relação a sua fundamentação epistêmica e conseqüente estrutura metodológica.

Mediante o exposto, pretende-se elaborar sucinta reflexão sobre a fenomenologia e sua construção filosófica como uma opção a ser construída dentro das ciências humanas, destacando a intencionalidade na percepção buscando nova possibilidade metodológica na ciência geográfica, centrada na percepção do mundo vivido e, no caso da geografia, em seu seguimento cultural através da experiência humana individual, dando-se sentido

ao espaço percebido e analisando a ciência geográfica voltada para o espaço de vivência e as suas perspectivas topológicas como abordagens na estruturação de uma geografia fenomenológica. Seguindo padrão seqüencial iniciando pela sensação, percepção, estética do lugar, e na seqüência uma decodificação, descrição e comunicação do espaço local.

MARCO SITUACIONAL DA FENOMENOLOGIA NA GEOGRAFIA CULTURAL

Na obra organizada por Corrêa e Rosendahl, *Paisagem, tempo e cultura*, Sauer (1998, p. 28) diz que, "A Geografia é a moderna expressão da geografia mais antiga". Com isso, acredita-se que o autor, assim como boa parte da comunidade científica, esforça-se em elaborar formatos epistemológicos para a geografia, assim como situá-la no cabedal dos relevantes saberes humanos. Neste particular parte-se imediatamente para geografia humana, que segundo Claval (1999, p. 52) relata que ela

Nasceu como um ramo das ciências naturais: isto explica o fato de que os geógrafos tenham, por muito tempo, resistido a levar em consideração certas dimensões da realidade humana e tenham sido mais sensíveis à diversidade das paisagens que à originalidade dos homens e das iniciativas que tomam.

Portanto elabora-se uma geografia humana assentada na dinâmica cultural dos diversos grupos humanos postos na superfície terrestre. E nesse sentido, em relação ao resgate da "geografia mais antiga" — apontada no início — Claval (1999, p. 35), que "A cultura é para Vidal de La Blache e seus alunos, como para Ratzel e os geógrafos alemães, aquilo que se interpõe entre o homem e o meio e humaniza as paisagens. Mas é também uma estrutura geralmente estável de comportamentos que interessa descrever e explicar". Para melhor destacar a importância do ser humano e sua atuação no espaço — preocupação da geografia Humana em âmbito cultural — o autor Claval (1999, p. 52) reporta-se a Eric Dardel em sua obra *O Homem e a Terra, natureza da realidade geográfica*, de 1952, quando este diz que

Os homens não param de se questionar sobre as razões de sua presença na terra, eles sentem a necessidade de dar um sentido a sua existência e ao mundo no qual vivem, é disso que os geógrafos devem partir na sua análise.

Estas idéias retiradas da geografia humana revelam que o aspecto cultural é fundamental para o estudo da geografia cultural e que esta vem tomando outra dimensão ante as necessidades da sociedade atual, pois no final do séc. XX e no início do séc. XXI a tendência dos saberes é tornarem-se mais humanos ou humanizados. No caso da geografia Holzer (1997, p.14) trata da "Humanistic Geography" ou Geografia Humanistica inaugurada por Yi-Fu Tuan, destacando uma forma humanista para a ciência geográfica provocando um redimensionamento na geografia cultural que não teria a função como da geografia cultural clássica – de se deter em um tema central, mas ampliar os instrumentos epistemo-lógicos utilizados na elaboração dos estudos voltados para os fenômenos humanos. Esta visão foi reforçada por Buttimer que publica "Grasping the dynamism of Lifeworld", sugerindo princípios fenomenológicos existencialistas como a intencionalidade e o mundo vivido a serem introduzidos nos estudos geográficos. Além destes o autor cita outros, como Lowenthal que preocupa-se com o "meio pessoalmente apreendido".

Holzer (1997, p. 11) exalta a participação precípua de Relph (1970), em relação a importância da fenomenologia para os interesses da geografia e sua elaboração epistemológica que de acordo com suas colocações poderia, a mesma, concentrar todos os geógrafos que se ocupam da subjetividade espacial, sem estar na vereda comportamentalista. Holzer (1997, p.11-12) continua seu pensamento dizendo,

O método fenomenológico seria utilizado para se fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido da experiência humana e com isso, através da intencionalidade, reconhecer as essências de estrutura perceptiva.

As descrições feitas para a percepção sensível podem ser realizadas paralelamente por nós para todas modalidades da intuição e seus cogitata correlatos (como, por exemplo, a lembrança reprodutora de uma intuição antiga e a espera que espreita uma intuição que está por vir). O objeto rememorado aparece, também, sob diversas faces, em diversas perspectivas, etc. Como se percebe quando se procede à execução, essas descrições vão extremamente longe. Mas, para poder diferenciar as modalidades da intuição (por exemplo, o dado da memória e o da percepção), a descrição deveria recorrer a dimensões novas. No entanto, subsiste um fato geral, que vale para toda a consciência entendida como "Consciência de alguma coisa". (HUSSERL, 2001, p. 58).

A contribuição da fenomenologia husserliana ao conhecimento, está na sua postura em relação ao ser cognoscente e objeto a se conhecer. No caso, antes do pensar existe o ser que sente e pode conhecer, assim

como este que sente tem a intenção ante a uma realidade a ser conhecida. A intencionalidade passa pela subjetividade e amplia-se na intersubjetividade que melhora a percepção em relação aos fenômenos sensíveis, configurando-se em apreensão teórica das realidades vividas, materializadas em descrições feitas pelos atores envolvidos neste contexto.

Como a fenomenologia discute o percebido, o vivido, através do sentido e subjetivamente concebido. Podese depreender que estes fundamentos – já identificados por alguns geógrafos humanistas, fenomenológicos e da percepção podem enriquecer a construção epistemológica e metodológica da geografia, principalmente no que diz respeito a categorias como lugar, espaço vivido e paisagem, dinamizando até outros fundamentos da ciência geográfica. Neste particular, acredita-se que o aporte metodológico principal esteja na própria descrição – sempre presente na geografia – que será abordada neste artigo quando se tratar na possibilidade metodológica da fenomenologia na geografia.

PEQUENA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICA

Em se tratando de fenomenologia reporta-se a Husserl, que como diz Japiassu (1996, p.133), em seu dicionário de filosofia, que esta é uma corrente filosófica que visa constituir um método estrutural para as ciências assim como base fundamental teórica para as mesmas. A tônica pode ser definida como "volta às coisas mesmas", ou em outras palavras retornar aos fenômenos aquilo que a consciência capta de forma intencional. Este conceito é o core na fenomenologia. Dizendo que a própria intenção vem da consciência, daí sua volta para o mundo, ele diz também que, "toda consciência é consciência de alguma coisa". Sendo assim, a fenomenologia visa desconsiderar o empirismo e o psicologismo e transpor a contradição clássica entre realismo e idealismo.

Só pelo fato da tentativa de se ultrapassar a oposição, idealismo e realismo já fazem da fenomenologia algo no mínimo complexo, mas que oferece possibilidades epistemológicas principalmente para as ciências que não têm um padrão tão tradicional como é o caso da geografia, que, além disso, é considerada nova diante de outras, denominadas ciências positivas.

Gomes (1996, p. 118-119), traz outras informações sobre a fenomenologia, principalmente husserliana. De início destaca que o termo foi criado por J. H. Lambert, em 1764, recebendo desde então várias denominações diferentes. Mas, como já foi colocado, os pensamentos de Husserl criaram uma filosofia que serve de sustentáculo para vários outros segmentos dentro desta orientação na qual destaca-se, como ponto precípuo no seu

pensamento, o abandono inicial pelo lógico e sua investida no plano natural na busca das essências das coisas. Mas ele não dispensa o racional, em contrapartida recupera a percepção como elemento da apreensão ao conhecimento, partindo da consciência pura.

O momento seguinte é o da descrição dos fenômenos, colocando-se no lugar da suposta explicação racionalista. A essência das coisas necessariamente se transforma numa crítica a uma positividade científica, que em Descartes era considerada como um fim. Esse retorno ao fenômeno se distancia de qualquer forma de observação prévia, seja do senso comum ou da ciência constituída, ressalvando-se que existe uma intencionalidade no fenômeno a ser observado, ou seja, visa-se alguma coisa no qual a sua descrição considera-se como verdadeira e essencial, transformando-se em conhecimento.

Ainda em Gomes (1996, p.122-123), Husserl menciona que as experiências vividas no mundo são dirigidas pela consciência, as quais podem ser experenciadas por outros sujeitos e materializadas através da comunicação entre os mesmo. Aí é que entra a redução fenomenológica, introduzida pela experiência vivida. Então a volta às coisas, ou essência das coisas em Husserl, considera o fator cultural como elemento condutor das relações dos sujeitos dos objetos, passando pela descrição, interpretação de seus significados, pelo sujeito que observa e portanto percebe o seu mundo.

Nota-se que a intencionalidade na captação perceptiva do sujeito em relação ao objeto é o grande condutor dentro da estrutura filosófica fenomenológica e a grande possibilidade de aproximação entre realismo e idealismo, podendo até superar este paradoxo paradigmático da sociedade contemporânea. Esta é a contribuição deste método filosófico, que se bem conduzido e direcionado para o espaço vivido poderá auxiliar na organização epistemológica e científica da geografia, que para tanto deverá explorar os seguimentos que mais ofereçam suporte à mesma e nesse sentido, pode-se observar na Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty uma possibilidade a ser explorada na busca da construção filosófica da geografia humanística cultural.

Já dizia Merleau-Ponty (1999, p. 446-447), que é no mundo vivido pela experiência que surge o conhecimento ou seu próprio conteúdo montados sobre elaborações e significações lógica, pois os momentos e os objetos só podem relacionar-se uns aos outros para construir um espaço através desta ambigüidade do ser que se chama subjetividade, motivada por uma intencio-nalidade que ao mesmo tempo revela a complexidade ontológica na suposta plenitude do objeto, o qual de modo geral não se pode denominar de mundo, mas que é envolvido por construções objetivas, em outras palavras o mundo não é es-

pecificamente objeto, mas somas de impressões objetivas onde brotam as suas subjetividades.

O mundo e as coisas estão presentes porque eu e meus semelhantes os fizemos existir e, ao mesmo tempo parece-me que o mundo vive para si mesmo, portanto subjacente a mim, assim como as paisagens mais distantes vivem, mesmo longe da minha visão, como em outros momentos pretéritos se viveu para aquém do instante. Sendo assim o mundo percebido é meu e do outro, é neste campo que observo outras manifestações que se transformam em minhas apreensões e dos outros. Pois diz o psicólogo, que o objeto nos fornece as formas e grandezas de maneira variável, dependendo do ângulo pontual a que estamos e nós é que interpretamos como verdadeira ou não o que notamos preferencialmente a nossa frente ou nas adjacências. Vem aí ainda a questão das formas e grandezas reais, pois a quantidade das mesmas são bem variadas e também sua percepção não ocorre de maneira individual, pois são apenas nomenclaturas para identificar as relações entre as frações fenomenológicas.

Kant tem razão em dizer que a percepção é, por si, polarizada em direção ao objeto. Mas, junto a ele, é a aparência enquanto aparência que se torna incompreensível. As visões perspectivas sobre o objeto, sendo de um só golpe recolocadas no sistema objetivo do mundo, o sujeito pensa sua percepção e na verdade de sua percepção em vez de perceber. A consciência perceptiva não nos dá a percepção como uma ciência, a grandeza e a forma do objeto como leis, e as determinações numéricas da ciência tornam a passar sobre o pontilhado de uma constituição do mundo já feita antes delas.(MERLEAU-PONTY, 1999, p. 404-405)

Merleau-Ponty (1999, p. 429-430), diz ainda, que os fenômenos ligam-se diretamente ao corpo que absorve todas as formas e grandezas, mas imediatas à percepção criando um mundo próprio, que relaciona as coisas identificadas pelo nosso corpo que percebe a natureza funcionando como palco para a encenação individual no seu espaço vivido, transformando o sujeito em consciência de si e o objeto e seus fenômenos como elementos balizadores da percepção realizada pelo sujeito que sente seu mundo. Na verdade tudo é manifestação do ambiente, a qual a percepção é explicitada pela comunicação dos seus elementos. Mas o percebido nem sempre aparece claramente em minha frente como algo a ser conhecido, o mesmo pode ser uma "unidade de valor" que só se apresenta na prática, que é dado em alguns momentos pela experiência da coisa que provoca a subjetividade formada através de uma história.

A coisa, no entanto, não é dada naturalmente na percepção, ela vem do íntimo do ser, reformulada e con-

cebida por nós e integrada ao nosso mundo interior que nos oferece várias possibilidades. A vida do ser pode ser definida pela negação ao pensamento objetivo, pois seu próprio mundo é ponto de partida e sua referência, que se manifesta na percepção corpórea que reflete os lugares de determinado ponto de vista.

No horizonte interior ou exterior da coisa ou da paisagem, há uma co-presença ou uma co-existência dos perfis que se ata através do espaço e do tempo. O mundo natural é o horizonte de todos os horizontes, o estilo de todos os estilos, que, para aquém de todas as rupturas de minha vida pessoal e histórica, garante às minhas experiências uma unidade dada e não desejada, e cujo correlativo em mim é a existência dada, geral e pré-pessoal de minhas funções sensoriais, em que encontramos a definição do corpo. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 442)

Pode-se dizer que a intencionalidade idealiza o fenômeno e este aciona a percepção que direciona ou de certa forma racionaliza ou organiza a seqüência de manifestações advindas dos eventos demonstrando aí certa desconstrução do antagonismo filosófico, idealismo e realismo, sem esquecer de voltar às coisas e retornar aos fenômenos partindo-se da consciência estimulada pelos mesmos. Portanto, pode-se dizer que o fenômeno aciona a percepção que é acompanhada pela experiência, cultural, histórica e pessoal do ser, portanto diferente do estrutural filosoficamente falando.

De acordo com as exposições feitas, nota-se que a relação sujeito e objeto na perspectiva intencional e perceptiva estabelece possibilidades que podem fortalecer o conhecimento científico das humanidades e da cultura, particularmente no que toca a geografia cultural de cunho fenomenológico, o qual dinamiza categorias de estudo, que não eram contempladas até então ou não obtinham tanta atenção dentro da geografia, como: espaço vivido, paisagem cultural e lugar. Sendo estas relacionadas com as essências voltadas para a existência, o corpo como sensível e perceptivo, valorizando a experiência pessoal e sentimental do mundo vivido por cada uma, reforçados por construções e representações simbólicas organizadas em linguagem descritiva, que somada às impressões de outros indivíduos podem servir de substrato para novas formas de apreensão e elaboração dos conhecimentos geográficos.

POSSIBILIDADE METODOLÓGICA DA FENOMENO-LOGIA NA GEOGRAFIA: A PERCEPÇÃO DO MUNDO

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deli-

berada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela se pressuposta por eles. Um mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é um meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não "habilita" apenas o "homem interior", ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece. Quando volto a mim a partir do dogmatismo do senso comum ou do dogmatismo da ciência, encontro não um foco de verdade intrínseca, mas um sujeito consagrado ao mundo. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6)

O sujeito da percepção é desconsiderado no pensamento objetivo, argumenta Merleau-Ponty, e continua dizendo que isso acontece em um mundo que já está totalmente pronto para ele, palco de manifestações possíveis, consagrando a percepção como uma dessas manifestações. O ser que percebe é parte das coisas e não consegue desvencilhar-se das mesmas produzindo uma impressão perceptiva dos fenômenos, como se fosse um estudioso que descreve os animais em um lugar distante onde nunca tenha estado. Então se diz que o ser na percepção ficará incógnito até o momento que se evidencie o naturante e o naturado.

No exercício da sensação, o elemento intelectual não é ressaltado por ele mesmo, mas sim em sincronia com o meio que estimula a sua sensibilização. Assim, busca-se a pré-disposição dos órgãos dos sentidos que sempre estão a procura de sensações que chegam sorrateiramente e entram em contato com todo o corpo preenchendo todo o espaço nele disposto. Há que se observar que para o existir de alguém, por parte do ser, é preciso que este alguém esteja fora do ser. Assim, as sensações tornam-se impensáveis e o espírito assume o ente perceptivo, e este instrumentaliza-se com os órgãos dos sentidos que excitam o sujeito corporalmente, mas não o capacita para a percepção integral, pois as mesmas estão na alma daquele que percebe e que coloca o que é percebido na sua percepção.

Em relação ao espaço Merleau-Ponty (1999, p. 328) afirma que ele não é sustentáculo dos objetos ambientais (reais ou lógicos), mas sim o meio que possibilita a posição destes objetos. Por outro lado, tudo se reporta às inter-relações orgânicas do ser que pensa e seu espaço, que caracteriza o poder do sujeito sobre a natureza dando origem à mesma. Portanto, este é concebido pela consciência do sujeito que percebe as coisas através de observação orientada ao espaço. Então nossa primeira investida perceptiva é naturalmente espacial e mundana, pois o próprio nascimento do interior do sujeito é marcado pela percepção e pelo espaço que estabelece a relação perceptiva precípua, sendo anterior à sua consciência de mundo.

A geografia cultural no seu tronco fenomenológico pode diante do exposto, ser contemplada com instrumentos metodológicos abstraídos do interior da fenomenologia da percepção, sustentada pelas experiências vividas no palco das manifestações sensibilizadas pelos sentidos, estimuladas pelo meio que condiciona os objetos formando o espaço construído na ligação perceptiva do sujeito, na qual o interior se relaciona com o exterior que é acima de tudo uma mútua existência presencial do sujeito e objeto, interagindo e criando a percepção do mundo vivido, suscitando configurações temporais e espaciais, no qual repousam as possibilidades do desvelamento da verdade, que em um dado momento é movido pela intencionalidade.

Sensibilidade corpórea é o impulso fundamental para a relação com o mundo conquistado ou percebido pelo ser pensante que mesmo antes de perceber sente e em última instância pensa através do sentimento vindo do íntimo do ser, envolvido, também, por uma construção histórica e cultural de ordem pessoal que interage com os fenômenos que também têm sua história natural passível de ser focalizada e descrita pelo sujeito sensível, através de linguagem comunicável a outros sujeitos que, de outros pontos, poderão contribuir mutuamente na apreensão de parte do espaço experenciado por alguns que farão deste único lugar visto de vários pontos, mas que na sua essência permanece fornecendo os mesmos elementos materiais servindo assim de referência conceitual na interpretação espacial.

Deste ponto, podem-se estabelecer parâmetros científicos para a ciência geográfica visto que o espaço percebido pode ser identificado e qualificado de várias maneiras a serem ordenadas em raciocínio geográfico. Esta pode constituir-se em abordagem conceitual e metodológica, pois usando de simbologia, representação e linguagem, acredita-se poder descrever e analisar o espaço combinando com uma das ferramentas mais antigas de geografia que é a descrição dos fenômenos, só que se estabelecem maneiras comparativas proporcionando sempre a renovação do pensamento e conseqüentemente avanço dos conhecimentos filosófico e científico, principalmente ligados ao espaço natural abalizado pelo ser humano.

INCURSÕES FENOMENOLÓGICAS NA GEOGRAFIA: O ESPAÇO SENTIDO, PERCEBIDO E VIVIDO

De acordo com Buttimer (1985, p.170), In Christofoletti, os cânones fenomenológicos assentamse na intencionalidade, sugerindo que o ser cognocente é sempre o ponto de partida no reconhecimento do seu espaço vivido, mesmo que não tenha consciência deste intento. Por outro lado, dizem alguns fenomenólogos tradicionais, que o ser humano está refém do ambiente físico e social, e este, ao mesmo tempo influencia na compreensão do mesmo alterando situações de significância e intencionalidade.

Na seqüência, a autora destaca duas concepções na abordagem fenomenológica, "corpo-sujeito" e "intersubjetividade", além da categoria dos "ritmos do tempo-espaço", esta última constituindo-se em formas conceituadas da geografia contemporânea, sendo as mesmas capazes de dialogarem e possivelmente entrarem em consenso, pois o corpo-sujeito pontua objetivamente as relações mais imediatas entre ser corpóreo humano e seu entorno material, construindo com a intersubjetividade uma interação elementar entre o meio ambiente e o sujeito cognoscente, baseado em traços socioculturais e momentos fugazes do cotidiano, qualificando estas propostas a perspectivas aplicativas na busca da compreensão espacial através da observação e percepção das experiências do mundo vivido.

Buttimer (1985, p. 171) In Christofoletti, continua dizendo, que os geógrafos sabem da ação eficaz dos aspectos naturais e culturais e que estes interferem na experiência modificando a noção terminológica de mundo e espaço. Sendo o mundo cotidiano uma concentração de atividades dinâmicas vividas de forma holística, até que o ser que pensa comece inferir reflexões sobre ele.

Estas incursões até aqui ressaltadas mostram que a intencionalidade permeia a percepção do mundo vivido, mas que este pode se apresentar de várias formas dependendo da inter-relação combinatória, perceptiva e intencional entre atos e atores. No que toca a geografia é interessante notar que estes conceitos e reflexões fenomenológicas tem conotações diferenciadas e próprias, pois o mundo geográfico consiste em elementos mais palpáveis ao mundo das ilações apresentadas no interior da referida abordagem. Este mundo geográfico é mais físico, e acredita-se ser o substrato natural para as atuações e transformações humanas, através das relações subjetivas e intersubjetivas e envolvem o todo do homem no todo do mundo, que em dado momento podese extrair partes proporcionando entendimento e concepções espaciais, portanto, de união geográfica que poderão se transformar em teorias na interpretação do espaço vivido e organizado pelo homem.

Ainda em relação a tentativas e campos da geografia fenomenológica, sintonizamo-nos com Lowenthal (1985, p.104), In Christofoletti, quando posiciona a geografia como disciplina de discurso geral no tocante dos conteúdos objetivantes da mesma, mas também se concentra nas partes que são notadas e analisadas em pontos específicos da vida cotidiana. Isto transforma este saber no entorno desses universais em consenso da ciência geográfica tornando-a aditiva e cumulativa. Isto deu ao campo geográfico uma percepção espacial comum passando pela sensibilidade palpável e estável do meio físico ou natural o qual encontra na sinestesia corpórea a sua convalidação.

Então, diz-se que a visão de mundo deve acompanhar as transformações ocorridas em diversos tempos distintos seguindo as ambições humanas, dando caráter antropocêntrico ao mundo vivido. Neste sentido, a mais pura visão do espaço vivido, apreendida pelo ser cognoscente é, no geral, um realce parcial do mundo voltado para o próprio homem. Nota-se, pois, a passagem pelas vontades e ações do humano, possibilitando a existência do natural a partir de sua necessidade, sabendo-se que o ocultamento humano obstrui a permanência e a recorrência assim como a evidência da forma.

Continuando as colocações de Lowenthal (1985, p.119-120), In Christofoletti, depreende-se no contato geral do mundo a transcendência do vivido. Os anseios e especulações existenciais do ser humano normalmente incentivam as percepções de caráter comum. Por outro lado, a singularidade do natural acumula mais traços espaciais e conceitos diversificados do que o meio ambiente compartilhado do qual a imaginação e a realidade se apresentam de formas individualizadas de acordo com o conteúdo ontológico dos mesmos. Este mundo compartilhado do qual as pessoas participam faz parte da realidade cotidiana e até as manifestações paisagísticas advindas com os sonhos partem de episódios verdadeiros vividos em tempos pretéritos.

Na seqüência, o sentir pode surgir independente da percepção externa, mas geralmente a construção individual dos ambientes idiossincráticos são semelhantes uns aos outros na qual sua tangência é semelhante, devido aos elementos sensíveis usados na sua percepção, que provêem da mesma essência, sem a qual seria impossível obter uma idéia comum do meio ambiente que se vive. Na realidade filtramos e selecionamos algumas facetas do mundo em detrimento a outras.

Seguindo as colocações acima expostas, podese dizer que a ciência geográfica apresenta dois troncos epistemológicos. O primeiro de cunho geral, explorando o mundo como um todo, obedecendo a uma construção mais objetiva e racional dentro da ciência dita clássica ou tradicional, marcada geograficamente por categorias como espaço e paisagem. Num segundo momento, ressalta-se o mundo percebido ou vivido pelo indivíduo que na sua própria visão se reporta ao todo balizado pelo seu corpo que munido de sensibilidade pode perceber o seu entorno mostrando algumas evidências perceptivas do todo se configurando em categorias como paisagem local, espaço vivido e lugar. É importante sublinhar a impossibilidade de se ignorar um ou outro tronco epistemológico, pois as duas formas estão presentes no mesmo sujeito. Este deixa transparecer dois âmbitos, o da reflexão e o da emoção. A parte que pensa é geral, universal, e holística desenvolvida com o passar do tempo, portanto segue estrutura obedecendo à história, a cultura, a política, o social, o econômico e outras formas que destacam os grupos. Já no tronco emocional, pode-se destacar o introspectivo, singular, o individual, o sentimental que percebe o espaço mais imediato. Portanto as duas possibilidades, grosso modo, podem exercer o exercício de desocultamento do ser do todo e do ser das partes, encaminhando-se para o desvelamento ou aproximação da verdade.

Todavia em se tratando de espaço percebido e compartilhado há necessidade de abordagem fenomenológica para alicerçar a geografia no estudo das categorias já mencionadas, destacando neste momento o lugar como categoria mais presente no saber geográfico e também as categorias não menos importantes como paisagem local e espaço vivido que poderão servir de substrato para o estudo.

PERSPECTIVAS TOPOGEOGRÁFICAS

Na introdução da *Poética do espaço*, Bachelard destaca temas que mais tarde seriam empregados na geografia humanística de Yi-Fu Tuan e podem ajudar na sustentação e explicação de conceitos como: topofilia, espaço percebido, espaço vivido, que na geografia são caracterizadas ou estão intimamente ligadas a questões de lugares e paisagens; tais temas são indicados da seguinte maneira:

... as imagens do espaço feliz. Nessa perspectiva, nossas investigações mereciam o nome de Topofilia. Visam determinar o valor Humano dos espaços de posse dos espaços defendidos contra forças adversas, dos espaços amados. O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e a reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. (BACHELARD, 2003, p. 19).

Em relação ao conceito de lugar, Holzer (1997, p.12) relata que na geografia humanística o existencialismo fenomenológico apresenta algumas dificuldades de ordem filosófica, pois a investida husserliana é de difícil assimilação e, de certa forma, de difícil aceitação pelos seus pares e comunidade epistêmico-científica em geral. Por outro lado ressalta-se que conceito de "lugar" é o mais evidenciado na geografia e está assenta-

do, como já foi mencionado, em "Mundo vivido" (Lebenswelt) e "Ser-no-Mundo".

Já no que tange ao lugar, geograficamente falando, Holtzer (1997, p.12-13) lembra o geógrafo Eric Dardel em sua obra *L'Homme Et La Terre – Nature de La Realité Geographique* (1990), que trata, com autenticidade, da geografia existencialista. Nesta feita opondo-se o geográfico espacial às manifestações existenciais do ser humano e seu destino, ao mesmo tempo que situava e conceituava o espaço fenomenológico, dando suporte aos estudos sobre lugar e paisagem. Isto desencadeou obras – cada uma em seu respectivo momento – como as de Relph, *The phenomenon de place* e de Tuan *Topofilia*, e posteriormente *Espaço e lugar*, trabalhos estes fundamentais para a edificação do humanismo na geografia cultural.

Yi-fu Tuan (1980, p. 5) indica que o termo topofilia é a ligação afetiva entre o sujeito e o lugar ou a natureza. As manifestações são de várias ordens, envolvendo principalmente a estética ou sentimentos estéticos, assim como sensações e sentimentos relacionados ao meio ambiente mais próximo o qual é, em última análise, o meio ambiente da subsistência humana, pois as pessoas se concentram para as questões ambientais que lhes dão segurança, sustento e satisfação em suas vidas. Portanto, os seres humanos sonham e imaginam lugares ideais. Mesmo a terra não sendo a morada final de toda a humanidade, como pensam alguns, existe uma relação íntima com o planeta, inspirando afetividade a determinado lugar.

Em outro momento, Yi-Fu Tuan (1983, p. 83) diz que a familiaridade com o espaço é que o caracteriza como lugar e na sua elaboração conceitual a experiência e o contato topofílico proporcionam novas abstrações espaciais que poderão ser transformadas e comunicadas através de simbologias, palavras e imagens, montando capacidades geográficas configuradas em conhecimento espacial.

Avaliando as colocações acima e comparando com a episteme geográfica, depreende-se que o conhecimento espacial é de grande valia para o ser humano e sua relação com o meio ambiente baseado na experiência de mundo, sentimentos de mundo, sentimentos estéticos e percepção do lugar, transformam-se em importantes sustentáculos aos estudos da ciência geográfica que se iniciam com as abstrações afetivas do sujeito em seu ambiente mais próximo, sendo que eles depois de organizados intelectualmente, poderão ser comunicados através de descrição idiossincrática do local percebido, servindo de balizamento e comparação com outras manifestações semelhantes. Toda esta seqüência sistematizada pode ser denominada de topogeográfica.

Explorando ainda mais o pensamento de Tuan (1983, p.84-85), em relação à forma com que as pessoas se relacionam com seu espaço, ele relata que o corpo é

de suma importância nesta relação, no sentindo de se estabelecer maneiras para determinadas necessidades de forma geral, a absorção espacial está ligada à capacidade de abstrair e fazer conexões com outros espaços, o que causa uma sensação de liberdade e ao mesmo tempo que provoca um deslocamento do lugar através do aumento e rapidez da movimentação das pessoas.

Ele continua falando da impossibilidade de se discutir o espaço em que se vive sem se reportar aos objetos e locais definidores dos seus espaços, sendo que o espaço só se transforma em lugar a partir de seus motivos significativos. Assim, alguns conceitos como direção e distância estão mais ligados a categorias especiais e mais distantes das categorias topológicas. Por outro lado é perfeitamente possível descrever o meio em que se vive topofilicamente sem se reportar diretamente aos conceitos espaciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica patente, diante do exposto, que esta visão alternativa da geografia cultural traz contribuições epistêmicas e metodológicas para a elaboração do conhecimento geográfico, se não, pelo menos instiga-o a novas percepções fenomenológicas do espaço vivido, tendo na relação intencional entre o indivíduo e o fenômeno que despertou sua atenção, uma apreensão subjetiva e, ao mesmo tempo, objetiva, resultando numa imagem interpretativa desta investidura.

A fusão cognitiva pode representar muito para o conhecimento geográfico, pois reforça o meio e o homem com agentes do mesmo processo ou interação. Visto que este embate – físico e humano – cerca a geografia desde sua origem, sem se reportar a questões teórico-filosóficas mais amplas como o idealismo e o realismo.

Metodologicamente desponta a possibilidade da utilização dos sentidos, em primeira intervenção, seguida da percepção dos fenômenos, que funcionam como substrato nas elaborações significativas e representacionais, proporcionando uma ação intelectual frente ao condicionado. Portanto, há que se destacar a inter-relação da cultura humana com a história natural, fundamentada no foco do sujeito cognoscente, que sente o pensar.

Então os diversos sujeitos ou partes que formam o todo, poderão compartilhar dos mesmos momentos no tempo e espaço, materializados através de registros descritivos dos eventos manifestados em discursos individuais dos ambientes mais imediatos denominados - na ciência geográfica – de lugar, que neste artigo denominamos manifestações topogeográficas, na tentativa de ampliar a percepção do mundo vivido.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 6ª tiragem. Tradução de: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Coleção Tópicos, 2003.

BUTTIMER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. *Perspectivas da geografia*. 2. ed. Rio Claro, SP: Difel, 1985.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Tradução de: Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: UFSC, 1999.

GOMES, P. C. da C. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. *Revista Espaço e Cultura da UERJ*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 8-19, 1997.

HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas*: introdução à fenomenologia. Tradução de: Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JOHNSTON, R. J. Geografia e geógrafos. São Paulo: Difel, 1986.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. *Perspectivas da geografia*. 2. ed. Rio Claro, SP: Difel,1985.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Tradução de: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RELPH, Edward. Phenomenology. In: HARVEY, M. E.; HOLLY, B. P. *Themes in geographic thought*. Londres: Croom Helm, 1981. p. 99-114.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de: Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

_____. Espaço e lugar. a perspectiva da experiência. Tradução de: Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983